

Uma Conferência De Traição Aos Trabalhadores Da America Latina

Na chamada "Conferência Inter-Americana do Trabalho", realizada em Lima, Peru, foi fundada, com o nome de Confederação Inter-Americana do Trabalho, uma sucursal para a América Latina da "American Federation of Labor" — a conhecida ponta de lança dos monopólios imperialistas — e dentro do movimento dos Estados Unidos.



Deste modo, a Confederação Inter-Americana do Trabalho é nada mais nada menos, do que um instrumento do Departamento de Estado norte-americano para manter sob o controle dos trustes o movimento sindical nos países semicolônias da América Latina, impedindo ou, pelo menos, dificultando a ação unitária dos trabalhadores desses países contra a dominação e a exploração imperialistas.

Tão descarados propósitos dos agentes do imperialismo lanque ficaram a descoberto durante a longa preparação da Conferência de Lima, nos países latino-americanos, levada a efeito pelo conhecido agente dos senhores da Wall Street dentro da A.F.L., Serafino Romualdi. Esse tipo foi expulso da Argentina e de outros países, não conseguindo, em sua peregrinação de embalsamador do Departamento de Estado, manter relações com os trabalhadores latino-americanos. Conseguiu, entretanto, manter longas conferências com certos governantes e líderes sindicais, como os conhecidos "pelegos" brasileiros.

Da Conferência de Lima só participaram minorias inexpressivas do movimento sin-

do por ROBERTO MORONCA
(Secretaria Geral do C. T. B.)

dical latino-americano. As Confederações mais poderosas do Continente — como as da Argentina, Cuba, Equador, Uruguai e Colômbia — lá não compareceram. Do Chile participou apenas um pequeno grupo chefiado pelo agente imperialista Bernardo Ibanez, expulso da C.T.Ch. e do próprio Partido Socialista chileno, em consequência de suas atividades de traição aos trabalhadores. Também em Cuba os agentes imperialistas da A.F.L. só conseguiram a adesão de outro renegado do movimento operário, Aguirre, expulso há um ano e meio da C.T.C. e desmascarado pela sua direção como agente da A.F.L. e dos trustes norte-americanos.

Pode-se ter uma noção do caráter das "delegações" que compareceram à reunião de Lima tomando-se o exemplo brasileiro. Daqui seguiram para a Conferência 12 serviais do Ministério do Trabalho. Nenhum organismo sindical foi consultado sobre a nossa participação na suspeita Conferência, nem sobre a escolha daqueles "delegados" arranjados por Morvan de Figueiredo. A única "ligação" que os trabalhadores brasileiros tiveram com a "delegação" foi o desfalque de 270.000 cruzeiros que sofreram no Fundo Social Sindical, para custear o passelo desses traidores.

Tudo foi feito tão clandestinamente, que poucos jornais se ocuparam do assunto e ninguém soube do embarque deles.

A "delegação" foi composta da fina flor da "pelegada", daqueles que há anos vivem no Fundo Social Sindical e das migalhas das verbas secretas da polícia, como Decleclano de Holanda Cavalcanti, Ma-

nuel Cabeças, Sindulfo Azevedo, Penucino, Angelô Parmegiani, Sebastião Luiz de Oliveira e gente do mesmo calibre, policiais e traidores do operariado.

Mas a repulsa das massas trabalhadoras americanas por esse Congresso patrocinado pelos imperialistas norte-americanos foi tão grande, chegando ao ponto de, em Lima, sede da Conferência, os trabalhadores irem às ruas, em passeata de protesto, desautorizando os homens da "APRA" de falarem em nome dos trabalhadores no infame conclave.

Sentindo bem a extensão do ódio dos trabalhadores latino-americanos à exploração do imperialismo lanque, os rebulhos que Serafino Romualdi conseguiu arranjar para o seu Congresso viram-se obrigados a fazer declarações demagógicas, como a de condenarem "as manifestações imperialisistas da política econômica dos Estados Unidos em suas relações com a América Latina", ainda que só para mascararem seus verdadeiros propósitos de incentivar a campanha anti-comunista, de caluniadores desavergonhados a União Soviética e do movimento comunista.

Mas, apesar das tiradas demagógicas, contra a referida Conferência e o organismo divisionista que a mesma procurou criar contra a unidade dos trabalhadores latino-americanos, surgiram de toda a parte vozes de protesto, inclusive de delegados que dela participaram.

A Conferência argentina, recusando-se a participar da Conferência, qualificou a "A.F.L. como cabeça de ponte do imperialismo americano para dividir a classe operária". E, no decorrer dos de-

bates da Conferência, Luis Moronca, delegado mexicano, declarava sem ser contestado, que a "American Federation of Labor" (A.F.L.) estava financiando, pelo menos em parte, os trabalhos da Conferência, em benefício de seus interesses e dos Estados Unidos.

De qualquer modo, porém, a "Confederação Inter-Americana do Trabalho", mesmo sem qualquer base de massas entre os trabalhadores da América Latina, representa uma grave ameaça contra os nossos povos, pelo apelo ostensivo que irá receber, certamente, de governos vendidos ao imperialismo americano, como o governo do Sr. Dutra, no Brasil.

Cabe a nós, trabalhadores brasileiros, não permitir que as resoluções de tão suspeita Conferência sejam ratificadas aqui e que a Confederação all criada seja imposta pelo governo Dutra ao nosso proletariado.

Essa luta está intimamente ligada à que travamos diariamente pelo aumento de nossos salários, pelo pagamento do descanso semanal, sem a mutilação que foi imposta pelos cassadores, pelo restabelecimento da legalidade nos sindicatos e eleições livres e imediatas para as diretorias sindicais. Não podemos consentir que, neste momento de reação e insegurança, os traidores dos trabalhadores, a serviço dos imperialistas americanos e dos exploradores nacionais, queiram submeter o movimento sindical às ordens dos seus aomos dos Estados Unidos.

Organizemos nossos protestos de tal forma, que, nas fábricas, nos sindicatos e no próprio Parlamento, as resoluções da Conferência sejam condenadas e repudiadas, em defesa de nossa soberania e dos interesses dos trabalhadores do Brasil.

FILHOS DO POVO

QUEM E' MARKOS?

As últimas informações telegráficas das próprias agências americanas sobre a Grécia tornam claro que aumenta a resistên-



ência dos patriotas gregos à tentativa dos imperialistas lanques para dominar esse infeliz país.

Sob o comando do general Markos, informam os jornais, os guerrilheiros libertaram algumas aldeias e também a cidade de Arachova. Isso, depois de terem os imperialistas dos Estados Unidos enviado grandes quantidades de armamentos e munições para o governo monarca-fascista grego e de haverem os oficiais americanos controlado praticamente o comando do exército do rei Paulo.

Contra os fascistas gregos e seus sócios imperialistas levantam-se os patriotas gregos, numa das lutas mais heróicas desde o fim da guerra contra o nazismo. Essa luta é mesmo uma continuação da luta contra a ocupação da Grécia por tropas estrangeiras e por uma canarilha fascista, que hoje serve aos homens de negócios americanos como antes serviam a Hitler.

A frente desse heróico guerrilheiro que combatem pela libertação da Pátria, encontra-se

um homem legendário — o general Markos.

À frente desses heróicos guerreiros os homens de negócios americanos procuram apresentar a libertação do povo grego como um bandalo, um fanatismo de Moscou e outras denominações igualmente caluniosas, que servem para justificar a intervenção imperialista na Grécia.

Recentemente, o jornal grego "Rizospastis" publicou uma autobiografia do general Markos, na qual ele diz:

"Nasci na vila de Tassa. O ano de meu nascimento é 1906 ou 1907, não sei bem. Meu pai era um empregado público que depois se tornou professor. Morreu em 1907 e minha mãe em 1926. Em nossa casa ficaram sete filhos: três homens e quatro mulheres."

Em seguida, o general hoje famoso conta que tinha 12 anos quando foi obrigado a ganhar a vida. Primeiro, foi ajudante de pedreiro e, depois, ajudante de pintor de paredes.

Frequentou a escola somente até a quarta classe. As difíceis condições econômicas de sua família não lhe permitiram que continuasse os estudos.

Depois da guerra greco-turca, em 1922, mudou-se com seus irmãos da vila natal. Depois de várias peregrinações, Markos, em 1923 chegou a Salônica e em março-abril de 1924 se dirigiu a Kavala, onde começou a trabalhar numa fábrica de tabaco.

"Em 1924 — escreve Markos — tornei-me membro do sindicato da fábrica e tomei parte ativa em todas as greves operárias."

Em 1926, Markos foi mobilizado para o exército e prestou serviços na cavalaria. Desmobilizado em 1927, passou a trabalhar na cidade de Kasari, onde tomou parte novamente nos movimentos operários.

Em sua autobiografia, Markos fala detalhadamente de sua atividade sindical.

Volta em 1927 a Salônica, onde foi eleito membro do conselho de setor dos trabalhadores da indústria do fumo, e em seguida secretário do setor juvenil do mesmo sindicato.

No período compreendido entre 1931 a 1938, Markos trabalhou na Macedônia ocidental, e de 1937 a 1938 no Epiro, em Atenas e na ilha de Greta. Foi repetidamente preso e perseguido pelos diversos governos reacionários da Grécia. Alguns vezes fôgo do cárcere e outras vezes do exílio.

No período compreendido entre 1941 a 1945, durante a guerra na Europa, Markos ingressou nos fileiras dos patriotas gregos, defendendo de armas nas mãos a independência e a libertação do seu povo da tirania nazifascista. Durante a resistência, os invasores fascistas na Grécia procuraram por todos os meios questionar esse combatente heróico que não deixava a ocupação descansar.

Ele, em breve traçou, a história da vida desse patriota trabalhador, incansável combatente, pela libertação da classe operária da Grécia e que hoje defende a soberania de sua Pátria contra os novos invasores: os imperialistas americanos.

Ele, a UDN e o PR estarão comprometidos oficialmente, sob as vistas de todo o povo, que compreendendo a traição aos interesses do país que é esse atual pacto de Munich do Catete, saberá responsabilizar os senhores nele envolvidos pelas desastrosas consequências que advirão para o tempo para impedir a ruína de nossa Pátria, lutando ao montão do país ao imperialismo e a completa derrota econômica e financeira a que nos conduz a atual política de Dutra.

O ACÓRDO INTER-PARTIDÁRIO:

MUNICH NO CATETE



Estamos lembrados de que foi o pacto de Munich, em 1938, apresentado ao mundo da capitalista como a salvação da paz e garantia da independência aos povos. Os comunistas desmascararam então os verdadeiros objetivos dos líderes fascistas da Alemanha e Itália coligados com os governos reacionários das democracias ocidentais. Os comunistas mostraram que se tratava de uma capitulação das democracias diante das ameaças dos nazistas, uma traição aos povos, o prelúdio à guerra de agressão, o prelúdio contra o país do socialismo — a União Soviética. Era o incentivo dos grupos financeiros dos diversos países ao mais agressivo dos imperialismos para que destruísse na Europa a organização política da classe operária, e na URSS, o socialismo em construção.

Alguns meses depois de Munich, Hitler e Mussolini cumpriam seus desejos e os da reação mundial, declarando a guerra, depois dos imponentes esforços da URSS para impedi-la.

Se formosmos um paralelo rígido, podemos afirmar que no plano nacional acaba de realizar-se um segundo Munich: o "acórdão inter-partidário" concluído solenemente pelo sr. Dutra e os líderes dos maiores partidos das classes dominantes: PSD, UDN e PR.

sentado oficialmente como uma "política de concórdia", "governo de união nacional" e outras expressões semelhantes, para enganar os incautos?

O "acórdão" interpartidário não tem qualquer objetivo que venha beneficiar o nosso povo. É, ao contrário, uma traição ao povo. É um conchavo de cúpula realizado por politiqueleros profissionais e demagogos acovardados que se acumpliciam para distribuição de lucros individuais.

Veja-se o discurso do sr. Dutra. É um acumulado de frases feitas em que Dutra cita Dutra, conseguindo provar apenas a insinceridade de suas próprias palavras. "Disse-o no ato da posse... não aspiro a ser, no exercício do meu mandato, senão o presidente de todos os brasileiros em todo quanto se refira ao interesse nacional, ao deferimento da Justiça, ao tratamento, imparcial de meus compatriotas pelo reconhecimento de seus direitos" — afirma o chefe do governo citando-se a si mesmo.

Mas a realidade é a negação destas palavras. O sr. Dutra tem servido a todos os interesses, menos aos do povo brasileiro. É o presidente das classes dominantes, que até agora têm conseguido impedir sistematicamente a solução de qualquer problema do povo.

A reforma agrária, por exemplo, pela qual os comunistas sempre se bateram, em que pé está? Uma promessa demagógica feita há um ano pelo sr. Dutra em sua Mensagem ao Congresso. Nem uma medida concreta em favor dos 20 milhões de camponeses sem terra, embora o resultado seja o êxodo rural crescente e a diminuição fatal da pro-

dução agrícola, como se deu em 1947 em relação a 1946, reduzindo-se também a área cultivada em cerca de 200 mil hectares. A consequência foi um déficit de cerca de um milhão de toneladas de produtos agrícolas, quando a situação econômica e financeira do país é das mais graves.

O nosso povo tem direito de perguntar ao sr. Dutra: que "interesse nacional" é esse posto a serviço de uma empresa imperialista como a Light, para a qual se garante um empréstimo de 90 milhões de dólares, enquanto o nosso petróleo fica a mercê de Standard Oil?

O sr. Dutra relembra que prometeu também "concorrer para a paz da família brasileira, para a melhoria das condições de vida de todos... e o crescimento da nação". Há mais de dois anos, isto. Mas tem feito justamente o contrário. Não é lutando contra os trabalhadores e suas organizações de classe, não é fechando o Partido Comunista, não é rasgando a Constituição para cassar mandatos, não é mandando deprepar jornais independentes que se pacifica a família brasileira. Na verdade, o sr. Dutra tem levado a guerra aos trabalhadores e ao povo, na medida em que o exigem os interesses das classes dominantes e dos grupos imperialistas cubilçosos pelo domínio econômico do nosso país.

Mas o sr. Dutra realizou suas velhas declarações não cumpridas e vai deixando que subam os preços dos gêneros alimentícios, como se acha de acontecer com a carne verde, enquanto os frigoríficos estrangeiros multiplicam seus lucros. Um Ministro do ar-

Dutra, o da Justiça, negocia ilegalmente com arroz, e o preço do arroz sobe para 6 cruzeiros em São Paulo, transformando-se em alimento somente para os ricos.

E uma política de esfomeamento e de traição aos interesses nacionais a que realiza o sr. Dutra. E é a essa política que apoiam o PSD, a UDN e o PR.

Deixemos de lado os discursos dos srs. Artur Bernardes e Nereu Ramos e vejamos o do líder da "eterna vigilância", sr. José Américo.

Diz o sr. José Américo na assinatura do pacto de Munich do Catete: "A União Democrática Nacional nasceu com uma determinação de luta. Investindo contra a ditadura..." etc.

Os fatos mostram agora que a luta dos líderes da UDN visava apenas o Poder e nada mais. Derrotados, trataram de acomodarse à sombra do Catete, a princípio timidamente, meio arregantados ainda, depois mais mansos e finalmente passivos.

A isso está reduzida a "eterna vigilância". O sr. José Américo fala em "cooperação com o governo na base de um programa de salvação nacional". Que programa é esse que ninguém conhece? O "acórdão" agora concluído, segundo as palavras do sr. Dutra, pressupõe que o tal programa já está sendo pôto em prática desde o início do atual governo. Assim, a UDN se compromete de fato com a desastrosa política econômica e financeira do governo, que aproveita apenas os inimigos do nosso progresso e da própria independência nacional. A UDN, formalmente contra a

mutilação do Parlamento, sanciona a inexistência na prática do Poder Legislativo. Defendendo formalmente, pelos seus juristas mais eminentes, a inconstitucionalidade de cassação dos mandatos parlamentares e do fechamento do Partido Comunista, a UDN chega agora à conclusão de que tudo isso está certo, e a prática estimula a capitulação do Judiciário ao Executivo. Como se vê o sr. José Américo tem a honestidade de reconhecer que "a UDN passou a ser um partido do governo", "consagrando uma situação de fato". Estamos todos fatigados da tensão dessa luta", confessa finalmente, o que não é novidade, pois as "lutas" do sr. José Américo têm sido apenas simples arranço de um segundo para depois acomodarse durante um decênio. Foi assim no Estado Novo.

"Encontramos um plano em que todos podemos nos entender porque neste ponto todos, desejamos as mesmas coisas", acrescenta o líder da UDN, sem exarregar que as contradições dentro das próprias classes dominantes, justamente porque seus líderes desejam "as mesmas coisas", não lhe permitiram por muito tempo usufruir esse céu de Allah, no qual Dutra é o Deus de quem o sr. José Américo pretende ser o profeta, conferindo-lhe os pomposos títulos de "O Pacificador" e "O Regulador".

"O Pacificador" — que não consegue sequer impedir a desagregação do próprio PSD, quanto mais resolver os profundos interesses antagonísticos entre PSD e UDN, em Estados como São Paulo, Piauí e Alagoas, para citar somente os exemplos mais vivos.

"O Regulador" — que nada faz a não ser escancarar mais ainda as portas do país à maior penetração do imperialismo americano. Realização criminoso, a qual, agora por dan-